



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7700 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

CURRÍCULO DE FAVELA NA ESCOLA

Marcelo de Jesus Arouca - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Natanael Reis Bomfim - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

CURRÍCULO DE FAVELA NA ESCOLA

1 INTRODUÇÃO

As favelas são espaços de grandes efervescências socioculturais. As diversidades entrecruzam-se em seus becos e vielas, construindo e ressignificando cotidianamente caminhos e possibilidades para (re)existir na contemporaneidade marcada por profundos processos de segregação e marginalização. Nos dias atuais, por exemplo, vemos a implementação de projetos políticos que alijam o direito à vida e à dignidade dos grupos minorizados na sociedade brasileira afetando diretamente as vidas nas comunidades das favelas. Neste sentido, as heranças coloniais e os ideais capitalistas são catalisadores de representações e ações que fazem a manutenção e aprofundam as desigualdades sociais (QUIJANO, 2005; PINTO e MIGNOLO, 2015).

Estes contextos de potencialidade e adversidades que constituem as favelas e em que elas estão imersas situam as escolas em campos de tensões repletos de problemáticas que vão desde os conflitos entre os diferentes sujeitos e grupos que a compõem até as questões políticas da garantia de direitos destes mesmos sujeitos. Destarte, os currículos escolares têm desafios que põem em xeque a educação escolar no que tange o exercício do papel social da escola na contemporaneidade. Faz-se necessário que a escola se proponha a utilizar os saberes científicos para construir caminhos e alternativas voltadas para a transformação social tendo em vista o desenvolvimento de sociedades equânimes em respeito aos direitos inalienáveis da dignidade da vida. Partindo desta afirmativa, como o currículo escolar pode contribuir para a construção de sociedades mais equânimes?

A minha própria história de vida conduz o meu olhar para a crença na importância da educação para a transformação social em prol da construção de sociedades equânimes. Preto, pobre, filho de “empregada doméstica” preta, tive muitas portas abertas devido a diversos fatores, como por exemplo, as redes de solidariedade. Mas, dentre estes fatores, a educação

foi um pilar essencial na minha trajetória que me permitiu ampliar ainda mais os horizontes e assim acessar a lugares historicamente negados aos meus, como por exemplo, a graduação e, mais recentemente, o mestrado.

Partindo destas premissas, desenvolvi ao longo do meu percurso acadêmico trabalhos voltados para o estudo de elementos relevantes para construção das bases curriculares de projetos educacionais desenvolvidos junto a comunidades favelares. Deste compromisso e labuta, emerge a concepção das Pedagogias de Favelas, a qual, partindo da premissa da necessidade do desenvolvimento de perspectivas educacionais descolonizadoras-emancipadoras imbricadas com a centralidade dos universos favelares nos currículos escolares são comprometidas de forma crítica com as lutas sociais combativas de toda e qualquer forma de discriminação, seja racial, de gênero, sexualidade ou classe, por exemplo. Estas reflexões e construções conduziram-me durante a pesquisa de mestrado a investigar as relações entre as práticas socioculturais e os elementos sociohistóricos das favelas com o currículo de uma escola pública no bairro do Beiru/Tancredo Neves, na cidade de Salvador-BA. Tendo como finalidade este objetivo, a pesquisa de natureza qualitativa, contou com encontros em grupos focais com roteiros semi-dirigidos, tendo como sujeitos da pesquisa alguns professores e alunos da unidade escolar, além de educadores sociais que atuam em projetos educacionais na região do entorno escolar. São alguns resultados desta pesquisa que apresento no presente resumo.

Destarte, o presente trabalho tem por objetivo discutir a importância da inserção das práticas socioculturais e dos elementos sociohistóricos das comunidades de favelas no currículo escolar. Para tanto serão discutidos alguns dados e resultados encontrados em pesquisa feita pelo próprio autor na produção de sua investigação de mestrado.

Assim, ao longo destes diálogos, currículo será compreendido para além do estático documento oficial definidor dos conteúdos a serem trabalhados nas salas de aula, sendo sim compreendido como espaço político, de diálogos interculturais e acolhedor dos saberes das comunidades em que a escola se assenta (FERRAÇO e MAGALHÃES, 2012; FERRAÇO, 2013). Para tanto a compreensão de currículo perpassa pela sua construção coletiva, considerando a participação ativa dos diferentes sujeitos que compõem a escola. O currículo precisa estar atento ao comum, sem, no entanto, se propor a ser homogeneizante, respeitando assim as diferenças. Outro ponto de grande relevância é a perspectiva horizontal entre as diferentes culturas dentro do currículo. Neste aspecto é necessário reconhecer a legitimidade das narrativas dos grupos subalternizados nas atividades pedagógicas.

Para identificar e compreender as práticas socioculturais serão tecidos diálogos com o conceito de Certeau (1998) acerca do cotidiano. Assim, estas serão compreendidas como as experiências vivenciadas no dia a dia, ressignificadas cotidianamente, expressando-se por meio da inventividade criativa. Estas práticas socioculturais cotidianas manifestam a subversão à cultura hegemônica através de re-criações que adéquam a cultura dominante às suas demandas, por meio de interstícios e bricolagens culturais.

Em diálogo com este conceito e igualmente importante à compreensão dos fenômenos investigados na presente pesquisa é o de cultura, que será aqui compreendida a partir de Bhabha (2005), para quem a cultura também é produzida nos interstícios culturais, nas

fronteiras dos encontros entre as diferentes culturas. Porém, estes encontros culturais são permeados por relações de poder de origens coloniais, onde há também os jogos e disputas de dominação e insubmissão entre os diferentes grupos e sujeitos.

Neste sentido, compreendendo os espaços favelares como espaços de diversidade cultural, o presente trabalho também discorre suas análises a partir do multiculturalismo e da interculturalidade. Destarte, o multiculturalismo se define aqui como um termo qualitativo que demanda características sociais que apresenta problemas de governabilidade, de administração das diferenças culturais, que, coexistindo em um mesmo espaço, conflitam entre si imersos nos processos de dominação e insubmissão calcados nas relações coloniais de preterição de uns povos e culturas em função dos demais (HALL, 2006).

Já interculturalidade assume a concepção proposta por Mignolo (2008), para quem as relações culturais precisam reconhecer a legitimidade das diferentes culturas, tecendo diálogos horizontais e intercambiáveis acerca das demandas comuns, superando assim as relações hierárquicas coloniais presentes na contemporaneidade.

Partindo destas discussões, o presente trabalho iniciará com a compreensão assumida sobre o conceito de favela, tecendo diálogos e paralelos entre pesquisadores da área e sujeitos da pesquisa desenvolvida. Em seguida serão abordadas algumas práticas socioculturais e elementos sociohistóricos que emergiram na pesquisa. Por fim, serão tecidas algumas considerações acerca da discussão tecida.

2 FAVELAS, VIELAS BELAS E AS RESISTÊNCIAS DELAS

As favelas são territórios historicamente marcados pela exclusão e segregação. Entretanto, esta condição expõe um estigma que invisibiliza outras dimensões das favelas. Ao longo da pesquisa, durante a investigação de campo, pude reconhecer o quanto de proximidade existe na compreensão acerca da favela nos discursos produzidos entre os sujeitos entrevistados e os referenciais teóricos que fundamentaram a pesquisa.

Durante a realização da pesquisa, foram organizados grupos focais com alunos e professores de uma determinada escola pública no bairro do Beiru/Tancredo Neves (Salvador-BA). Participaram da pesquisa também, educadores sociais que atuam na localidade.

Para o desenvolvimento da pesquisa, o conceito de favela foi adotado com o objetivo político de esvaziar o sentido pejorativo do termo, assumindo o seu reconhecimento já existente nas favelas soteropolitanas. Desta forma, o trabalho buscou em Silva et al (2009) a conceituação do que é favela. Para os autores, Favela precisa ser compreendida por meio de quatro perfis: Sociopolítico: ausência de políticas públicas e carência de serviços públicos; Socioeconômico: carência de investimentos no mercado formal, com baixos indicadores econômicos e predomínio de famílias de baixa renda; Sociourbanístico: padrão arquitetônico fora do padrão do Estado e diferente do resto da cidade, tendo predominância de edificações autoconstruídas; Sociocultural: predomínio da população negra ou indígena, de acordo com a região em que se localiza, com grande diversidade cultural e de intenso convívio social, superando os estigmas de violência a ela atribuídos.

Estas concepções dialogam com o que fora exposto nos grupos focais, para quem as favelas

são regiões com serviços públicos insuficientes, tendo sua população constituída em sua maioria por famílias de baixa renda. Os participantes identificaram ainda que as favelas são regiões de autoconstrução, ocupadas majoritariamente por pessoas negras, mas que ainda assim, conservam a diversidade sociocultural em sua composição.

Outra definição utilizada e que encontrou eco nos discursos dos sujeitos foi apresentada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2013), para quem as favelas são espaços de grande adensamento populacional. Além disso, o instituto aponta que nestes territórios as vias de acesso em geral são compostas por becos e vielas, além de ladeiras e escadarias. Estas características também foram identificadas pelos sujeitos da pesquisa.

Além destas confluências, foi ainda discutido nos grupos focais a condição de resistência da população das favelas, que por meio de diferentes estratégias se mantém resistindo às adversidades impostas pelas condições a que são submetidas. Este posicionamento dialoga com Silva (2011), para quem as favelas são “uma determinação subjetiva, isto é, um desejo dos pobres de permanecer na cidade, de construir estratégias cotidianas para uma vida melhor mesmo em situações de precariedade, violência e risco” (p. 43).

Estes diálogos entre os discursos dos pesquisadores e sujeitos da pesquisa reafirmam a importância do reconhecimento da necessidade da presença do saber popular nos currículos escolares, não como um saber menor, mas sim, legítimo. Assim, seguimos as discussões, buscando desvelar elementos presentes nas comunidades de favelas e que sejam de grande relevância para as construções curriculares nos projetos pedagógicos desenvolvidos nessas localidades.

3 A FAVELA NA ESCOLA: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E ELEMENTOS SOCIOHISTÓRICOS NO CURRÍCULO ESCOLAR

Como já fora discutido, as favelas são constituídas por peculiaridades que a diferenciam da outra parte da cidade. Estas diferenças são um conjunto de elementos que se manifestam na arquitetura, na cultura, nas relações de trabalho, estética etc. que desembocam em diversas formas de produzir o ser, os saberes, e por consequente, as atividades cotidianas, aqui assumidas enquanto práticas socioculturais. Estas práticas, por sua vez, estão permeadas de elementos sociohistóricos que vão constituindo a realidade, estabelecendo códigos que são compartilhados socialmente e moldando identidades culturais dos grupos e dos sujeitos que os compõem.

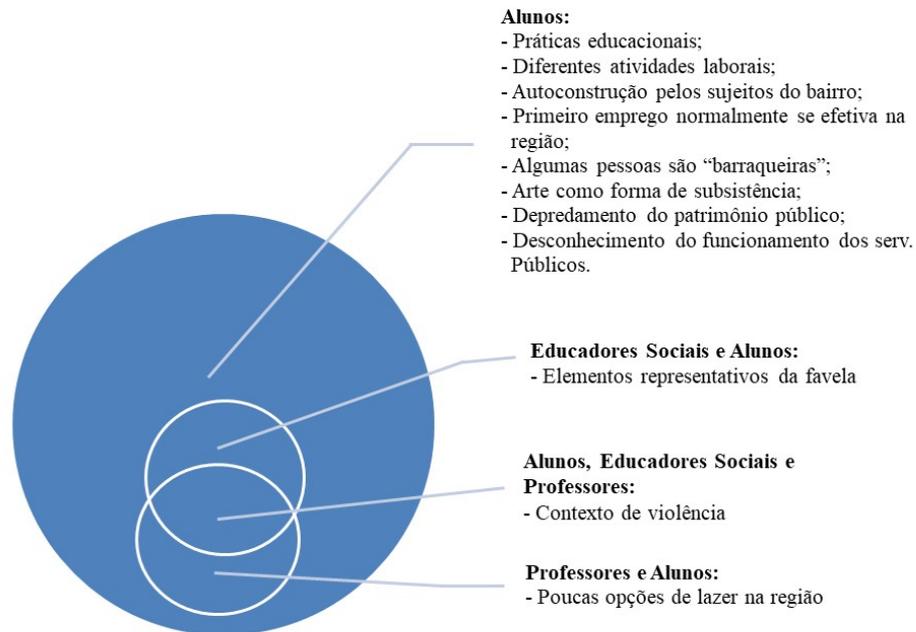
Estes complexos processos se manifestam nas relações sociais, nos encontros culturais, nos conflitos entre as diferenças e são permeados pelas representações sociais compartilhadas socialmente, atravessadas por categorizações e hierarquizações advindas também das relações de poder estabelecidas historicamente (BHABHA, 2005; HALL, 2006; MIGNOLO, 2008). Temos uma complexa rede de significações, reproduções e ressignificações que estão em jogo cotidianamente nos fazeres das práticas socioculturais (CERTEAU, 1998) em toda a sociedade. Todo este emaranhado de tessituras transborda na escola por meio dos sujeitos que a compõem.

Assim, as escolas de favelas estão imersas em realidades que demandam posturas afirmativas

em suas práxis pedagógicas, sendo necessário discutir de forma crítica as práticas socioculturais e os elementos sociohistóricos que compõem o contexto em que a escola está imersa. Durante a pesquisa foi possível identificar a aproximações e distanciamentos das práticas socioculturais e elementos históricos das comunidades locais com o cotidiano e currículo escolar.

Desta forma, as práticas socioculturais desenvolvidas nas favelas apreendidas na pesquisa encontram-se expressas na figura 1:

Figura 01 – Práticas socioculturais nas favelas: Relação entre discursos dos grupos focais.



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Na figura 1 podemos identificar que a maioria das práticas socioculturais emergiu no grupo focal com os alunos, sendo que as práticas identificadas pelos outros dois grupos estão presentes também no discurso dos alunos. Destas, a única prática presente em todos os grupos foi o contexto de violência.

No que tange as práticas socioculturais desenvolvidas na escola, também temos alguns elementos em comum e outros não. A figura 2 apresenta as práticas que emergiram nos grupos focais:

Figura 02 – Práticas Socioculturais na escola: Relação entre os discursos dos três grupos focais.



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Conforme a figura 2, o discurso dos alunos teve confluência com o dos professores e dos educadores sociais, entretanto, com o discurso dos professores, convergiram no que tange os projetos educacionais no cotidiano escolar. Já em relação ao discurso dos educadores sociais, convergiu no que se refere à oferta de cursos extracurriculares por agentes externos. Já acerca dos elementos sociohistóricos nas favelas, a sua apreensão só foi possível no discurso dos alunos e dos educadores sociais, conforme a figura 3:

Figura 03 – Elementos sociohistóricos nas favelas

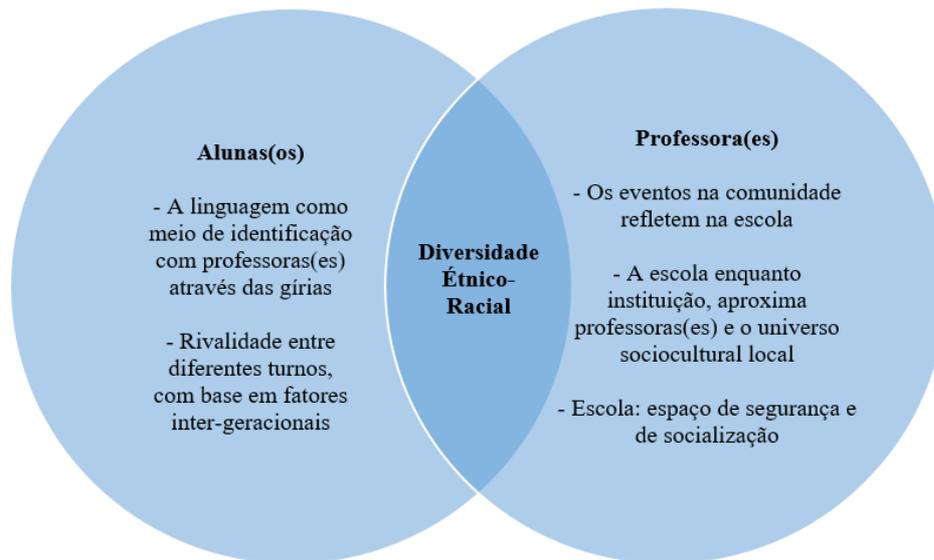


Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

A figura 3 apresenta a interseção entre os discursos de alunos e educadores sociais no que tange a solidariedade e os contextos de violência. Nos demais pontos, cada grupo trouxe elementos específicos.

A relação entre os discursos dos grupos focais acerca dos elementos sociohistóricos na escola também apresentou aproximações, entretanto, desta vez, entre alunos e professores, conforme apresentado na figura 4:

Figura 04 – Elementos sociohistóricos na escola



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

O único ponto abordado por ambos os grupos foi a diversidade étnico-racial. Já os demais elementos foram expressos isoladamente em cada grupo.

As análises acerca dos entrecruzamentos dos discursos dos alunos, professores e educadores sociais permitiu compreender a importância da presença dos elementos constitutivos dos contextos de favelas para os processos de ensino e de aprendizagem.

Destas informações, em que percebemos aproximações e distanciamento entre os discursos, podemos perceber que existem sim elementos das comunidades de favelas nas práticas pedagógicas, entretanto, muitos elementos de grande relevância podem ser ainda mais aproveitados, sendo tecidas discussões críticas, questionando as contradições e valorizando os aspectos positivos. Entretanto, se faz de grande relevância trazer para as discussões os sujeitos que compõem a comunidade escolar. Ferraço e Carvalho (2012) e Ferraço (2013) sugerem a transformação do currículo em campo de democracia radical, convidando todos os sujeitos da comunidade escolar para a sua construção, tendo assim, as representações dos diferentes grupos e sujeitos em sua constituição.

É importante salientar que o processo de trazer a comunidade escolar para a construção curricular precisa ser feito levando em consideração a dimensão da interculturalidade em caráter descolonizador (MIGNOLO, 2008), reconhecendo as diferenças e ouvindo-as em igualdade de representatividade e valor, considerando os processos históricos e identitários dos diferentes grupos e sujeitos presentes no contexto em que a escola está imersa.

Além da atenção aos processos de dominação cultural, é preciso discutir as práxis pedagógicas assentando os conhecimentos no contexto em que a escola se situa, nas favelas do seu entorno. É fundamental trazer a favela para o centro das discussões escolares, questionando suas problemáticas a partir do currículo escolar, correlacionando o local e o global, desmistificando os processos históricos e políticos que engendram e fazem a manutenção das desigualdades. Neste sentido, discutir de forma emancipadora, propondo alternativas para as problemáticas vivenciadas, seja no campo estrutural, como, por exemplo, as ausências de serviços públicos ou a violência policial, seja no campo das representações – racismo, misoginia, LGBTfobia etc..

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A escola, sendo espaço de educação, tem papel central na construção social. Dentro de uma contemporaneidade marcada por tantas desigualdades em que a pobreza e a violência vulnerabiliza tanto os mais pobres, a escola é um *locus* de prestígio para que possamos

discutir nela caminhos que nos possibilitem construir caminhos mais equânimes para sociedades mais sustentáveis. Entretanto, este processo precisa considerar os sujeitos invisibilizados, que sem voz não tem vez de expressar-se e nem de manifestar suas alternativas. Entretanto, estes sujeitos estão todos os dias construindo alternativas, muitas delas contra hegemônicas e superando as adversidades impostas pelo sistema colonial-capitalista.

A escola pode, desenvolvendo Pedagogias de Favelas, ser catalisadora do pensamento crítico e potencializadora de ações comunitárias necessárias que possibilitem aos sujeitos das favelas o fortalecimento das já existentes atividades de reparação e transformação social.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG. 2005.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Ed Vozes: Petrópolis, 1998.

FERRAÇO, C. E.; CARVALHO, J. M. Currículo, cotidiano e conversações. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, ago. 2012.

FERRAÇO, C. E. Currículos, culturas e cotidianos escolares: afirmando a complexidade e a diferença nas redes de conhecimentos dos sujeitos praticantes. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.31, n.60, p.81-103, jun. 2013.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

IBGE. Censo demográfico 2010: **aglomerados subnormais: informações territoriais**. Rio de Janeiro, 2013.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n.34, p.287-324, 2008.

PINTO, J. R. de S.; MIGNOLO, W. D. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 15, n. 3, p. 381-402, 2015.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SILVA, G. ReFavela (notas sobre a definição de favela). **Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**, v. 39, p. 37–43, 2011.

SILVA, J. de S.; BARBOSA, J. L.; BITETI, M. de O.; FERNANDES, F. L. (Org). **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.

Palavras chave: Pedagogias de Favelas. Práticas Socioculturais. Currículo.